

MÚSICA POPULAR

PREÇO ECONÔMICO GARANTE A MEMÓRIA DE FATOS RECENTES

J. R. Tinhorão

PARA os velhos, em geral, lembrar não custa nada. Os mais novos, porém, têm de procurar na História a memória dos fatos, inclusive os mais recentes, com o que pagam o preço da sua falta de perspectiva do tempo. Graças a uma iniciativa da gravadora Phonogram, porém, as gerações que viveram (ou ouviram falar) das épocas da fofa, da bossa nova e dos festivais, vão poder recordar agora alguns desses momentos da história musical recente a Preço Econômico. Esse, pelo menos, é o nome de uma coleção de regravações de matrizes originais, que vão desde a

voita do conjunto Os Caricacos (que, afinal, se dissolvera em 1967) até alienações mais recentes, como as do disco *Elis Regina & Toots Thielemans* — "and others", como anuncia, em inglês mesmo, a capa do LP.

É interessante, por sinal, verificar como apenas 20 anos, ou pouco mais (as mais antigas gravações da série são de 1962, mas o repertório abrange inclusive estilos dos anos 40 e 50, através de Ataulfo Alves, Mayas e dos próprios Os Caricacos), já constituem tempo bastante para um primeiro juízo de quem permanece e de quem já era, na música popular. Assim,

vê-se que Ataulfo Alves, mineiro transformado em compositor de samba carioca, tem direito a ficar não por qualidade de sambista, mas pelo toque de lirismo e um certo toque de nostalgia que consegue transmitir e o m sua voz descansada, e algo dolorido. O cantor Noite Ilustrada (igualmente mineiro, e decidido a cantar sambas em S & O Paulo) ainda pode ser ouvido não por causa da música que lhe daria maior sucesso, o samba paulista de Paulo Vanzolini *Volta por Cima*, de 1962, mas pelas recriações excelentes que faria de clássicos como *Louco*, de Wilson Batista e Henrique Almeida, ou do originalismo

Botões de Laranjeiras, de Pedro Caetano (originalmente gravado, com grande bossa, por Ciro Monteiro).

Os Caricacos, que aparecerem representados por um LP de 1963, documentador de sua adesão à bossa nova, revelam-se hoje fósseis preciosos para uma paleontologia da música americana, considerando a história das migrações da música comercial dos Estados Unidos pelas Américas. História que incluída o acasalamento do cool jazz com o samba em Copacabana, durante a década de 50, para produzir novas espécies musicais híbridas, como a documentada no LP *Elis Regina & Toots Thielemans*.

A série Preço Econômico da Phonogram, porém, é mais rica, apesar da liquidação de velhos estoques de história musical a preço baixo, e não para si. A gravação feita com seriedade, em 1964, e hoje positivamente cômica do LP *Caymmi Visita Tom*, tem como substituído esta preciosidade: "E levava seus filhos, Nana, Dori e Danilo". Bom tempo esse em que velhos compositores da antiga, como Dorival Caymmi, tendo de render-se à evidência dos novos tempos americanos, do como bom pai de família musical

levar os filhos à casa do condrade Tom Jobim, em visita de reverência, toda vez que ele chegava dos Estados Unidos.

"Foi na tarde de ontem, este encontro dos dois. Mais tarde isso aparecerá contado com história e foi tão simples o seu modo de acontecer. Dorival Caymmi, acompanhado dos seus filhos Nana, Dori e Danilo, foi visitar Tom Jobim, recém-chegado dos Estados Unidos, em sua residência, na Rua Barão da Torre" — assim começava o texto da capa no disco Elienco, agora felizmente reprodutido, para reavaliação do seu sentido.

De fato, hoje a História pode recontar o fato, mas não com aquela conotação de legenda heroica ou de fábula, sugerida pelo redator da Elienco, mas como o registro de um tempo em que artistas da nova classe média em ascensão, no Rio de Janeiro, retomavam a boa tradição burguesa-patriarcal de visitas de cortesia, estreitando o contato entre as gerações, tendo em vista a identidade de interesses familiares — e que era, no caso, musical.

Passando por Baden Powell (e, aliás, é bom passar rápido), pelos começos de Vini-

cius de Moraes condutor de shows de boate (LP *Vinicius/Caymmi no Zum Zum com o Quarteto em Cy*) e o Conjunto Oscar Neves) pelos dramas pessoais de Mayas e de Geraldo Vandré, até o equívoco total da Banda Veneno do para sempre finado Eron Chaves, a coleção Preço Econômico da Phonogram chega a um momento de surpresa total. Do fundo de o arquivos, ressurge o LP de um artista singular, o baiano Elomar, que realiza sem audiência, no silêncio de sua fazenda na região do São Francisco, o mais original e mais empolgante trabalho de busca de novos caminhos, dentro da música popular. Quando mais não fosse, bastaria a reapresentação desse LP intitulado *Elomar das Barançanas do Rio Gavão*, originalmente gravado em 1973, para justificar a ideia de relembrar esquecidos fatos recentes da música brasileira. Vamos ver se agora, afinal, a tão pretenciosa quanto mal informada geração universitária toma conhecimento dessas artes que realiza sozinho, com sentimento poético, inteligência e um violão, o tipo de pesquisa do novo-etero que todo mundo procura, e que foi encontrar nas raízes medievais da música nordestina.

AGENDA

Tarik de Souza

- Oswaldo Montenegro continua sua batalha de músico independente. Em novo show, hoje à noite, no Teatro da Aliança Francesa da Tijuca (Andrade Neves, 315) mistura música e artes plásticas: há uma exposição de pintores, no saguão, com temas que se referem às músicas compostas por ele.
- Entre os espetáculos que resistem ao fustigante público (já foi visto por 24 mil 800 pessoas desde sua estréia, em abril) a *Cobra de Vidro*, que reúne as oito vozes do Quarteto em Cy e do MPB-4, no Teatro Carlos Gomes.
- Segunda-feira, na sequência da *Feira do Choro*, da *Femur*, no auditório do Museu da Imagem e do Som, será a vez do grupo Rio Antigo, formado por Paulo Nin (violão e sete cordas), Marco Caselli (seis cordas), Flavio Muniz (pandeiro), Ronie (cavaquinho) e Ricardo Calafate (bandolim). No mesmo horário, seis e meia, o *Projeto Vitrine*, da Funarte, na sala que a entidade abriu ao público na Rua Araújo Porto Alegre, 80, mais uma dupla: o veterano sambista de bossa e breque Jorge Veiga apresenta o novato cantor e compositor Mongol, de vários shows e peças com Oswaldo Montenegro.
- Dia seguinte, duas reestruturas motivadas por anterior sucesso em outras casas, Ivan Lins transporta seu *Nos Dias de Hoje* da Casa Grande para o Teatro Galeria, acompanhado do grupo Modo Livre e das cantoras Malu e Luna. E o show *Vida Boêmia*, que reúne o compositor João Nogueira e o jornalista Sérgio Cabral, passa do Galeria para o Carlos Gomes, utilizando o horário das seis e meia popularizado pelo teatro que lhe fica em frente, na Praça Tiradentes, (fechado para obras) João Caetano.
- Na terça, uma surpresa do outro lado da Baía. Desde 74 sem aparecer nos palcos (seu último show foi Fêto Gente, no Terceiro Rache), o cantor Wanderléia apresenta-se. Em Concerto até domingo, no Municipal de Niterói. O show será dividido em três partes: retrospectiva de seus últimos sucessos; músicas de seu último LP e encimado de um show, que entrará em cartaz no Teatro Ipanema dentro de dois meses.
- Ainda na terça, para temporada de um mês, estréia na sala da Funarte a *Missa do Vaqueiro*. Tardia de adaptação de Jandhyu Pinzola da cerimônia verdadeira que ocorre todos os anos, a 8 de julho, no

povoado de Lajes, PE, em homenagem a um vaqueiro que morreu de emboscada. A direção musical é de Irene Portela, uma das atrizes da peça. A direção de cena é de Renato Borghi e os figurinos (produzidos por artesãos de Caruaru) e cenários (ossadas de bois e objetos de couro cru) são de Elias Andreotti, artista gráfico ligado às capas de disco de vários importantes músicos nacionais.

- Outro espaço conquistado ao choro é o do Planetário da Gávea. Todas as sextas-feiras, às 21 horas, a sala Nicolau Copérnico abre-se para abrigar chorões. O próximo convidado é o acordeonista Orlando Silveira, um dos principais responsáveis pela introdução do instrumento nos discos de choro.
- Depois de apresentar 10 duplas de artistas por cinco Capitais brasileiras, Rio, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte, o Projeto Pixinguinha inicia no próximo dia 16 o segundo roteiro programado para este ano: Rio, Vitória, Salvador, Maceió, Recife,

Brasília e Belém. A começar por dupla Nana Caymmi e Dorival Caymmi. Estréiam — ainda no esquema de espetáculo único — no Dulcina, às seis e meia do dia 16. Daí partem para as demais cidades, percorrendo respectivamente: Belém e a Ilha; Carlos Gomes, Castro Alves, Deodoro e Teatro do Parque. Excepcionalmente, essa primeira dupla não irá a Brasília e Belém.

- De concursos: até 20 de junho, as comissões municipais do *Mobral* recebem inscrições para o 3.º Encontro Estadual de Bandas de Música e 1.º Encontro Estadual de Grupos Corais. As eliminatórias dos concorrentes serão entre 1.º de julho e 17 de setembro. E até 21 de junho próxima permanecem abertas as inscrições para o concurso *Conjuntos de Choro*, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Os grupos interessados devem apresentar-se no Departamento de Cultura (Mal. Camara, 350/7.º), das 12 às 18 horas. Além dos prêmios aos conjuntos (Pixinguinha, Cr\$ 20 mil, Luperce Miranda, Cr\$ 10 mil e Juarez Barroso, Cr\$ 5 mil) um troféu Joaquim Antonio da Silva Callado, será atribuído ao melhor choro ainda não gravado ou editado comercialmente.

ACONTECE



• O melhor time nem sempre é o que ataca primeiro, mas o que o faz com irrefutável firmeza, na direção do objetivo. Por exemplo, a Som Livre, da TV Globo, saiu na frente, com o LP *Corrente 78* — Brasil, País do Futebol. Entre suas faixas, há até mesmo composições novas, que incitam a torcida pelo catastrófico esquadro canarinho sediado em Mar del Plata. Nessa espécie de pelega entre gravadoras de rede televisivas, a Bandeirantes Discos, da emissora do mesmo nome, contratacou com maior sucesso. Acaba de colocar nas lojas o LP *Éra de Ouro do Futebol Brasileiro*, com narrações (do locutor paulista Fiore Gliottti) dos jogos nacionais de 1958 a 1970. Não poderia haver melhor atestado de óbito aos casuismos do atual veredito. Do consumo da nostalgia musical, passamos à esportiva. Ao menos, nesse caso, choramos músicas nacionais.

- A capa do novo LP de Faís de Belém, *Banho de Choro*, tem sido tribuída, decadadamente, ao fotógrafo Cascada. Na verdade, além da inclusão de um segundo fotógrafo, o exce-

lente Ivan Cardoso, e trabalho da capa foi planejado e executado pela dupla Oscar Ramos e Luciano Figueiredo, que faz a Navilouca e várias bolinhas gráficas para shows e discos de balanos. Os mesmos dois já estão com a capa pronta para o novo LP de Walter Franco, *Respire Fundo*.

- A editora Pedra Q. Ronca, de Wally Salomão, que estreou com sucesso lançando o livro de Caetano Veloso, *Alegria*, *Alegria*, prepara para lançamento *Baticum*, primeiro livro da escritora mineira *Sônia Lima*. Seu estilo inovador, muito próximo ao mundo dos sons, é descrito como "prosa musical".
- Chegou ao Brasil a febre de sábado à noite. Nenhum parentesco com a peste suína: traída da tribo sonora de Saturday Night Fever, a explosão que praticamente relacionou os canstivos Bee Gees, e produziu um novo mito italo-americano, o dançarino John Travolta. Terivelmente vertido em português para os Embalos de Sábado à Noite, Saturday Night Fever não passa de uma pobre colcha de retalhos musical. Ao contrário de que muitos pensam, Travolta não canta, e acump as muitas faixas do álbum duplo astros de terceira categoria como Tavares, Kool and the Gang, The Trammps, Yvonne Elliman, K. C. and the Sunshine Band. Na maioria, as gravações já são excessivamente conhecidas, como a 5a. de Beethoven, discotecada por Walter Murphy. Por este manifesto de novo gênero dançante, note-se, aliás, a indigência dessa fabricada febre, incapaz de mover termômetros menos subservientes.



Wanderléia: retrospectiva e prévia



Gal Costa: encenação especial

- A propósito, como não podia deixar de ser, já surgiu uma dançinha que aproveita a onda. Chama-se *The Bump* e brota na Inglaterra, onde o professor Franck Ghana tem uma escola de disco-danças que ensina a requebrar os quadris dentro do ritmo e até mesmo jogar a dama por cima do cavaleiro, como fazia, em seus primórdios, o rock'n'roll.
- Falando de rock, enquanto algumas de suas principais tropas de choque, como o Led Zepelin, os Rolling Stones e o The Who, ameaçam dispersar-se, o

músicas conhecidas do conjunto. Na capa e contracapa apenas um desenho de Ian Anderson.

- Milton Nascimento fez música especialmente encomendada para o novo LP de Gal Costa, que também gravará, a pedido dele, Paula e Bebeto, parceria com Caetano Veloso. Milton será ainda o encarregado da trilha sonora de *Poema Sujo*, peça baseada no texto de Ferreira Gullar, a ser encenado no Rio em outubro, com direção do argentino Gato Larsen.

- Desde 66, Mr Robert Zimmerman, mais conhecido por Bob Dylan, não faz temporadas em Londres. Agora, entre 15 e 20 deste mês, cerca de 190 mil ingleses poderão vê-lo no Earls Court. O último show de Dylan em Londres tinha sido a 27 de maio de 66, no Royal Albert Hall, em 66, ele voltaria à Inglaterra, mas apenas para o célebre festival da ilha de Wight, onde foi ouvido por 200 mil pessoas, calcula-se. Depois do acidente de motocicleta em 1966, Dylan ficou oito anos sem excursionar, retornando só em janeiro de 74, numa tournée pelos EUA e um show no anfiteatro de Chicago. Dylan ainda voltaria à estréia em outubro de 75, montando o Rolling Thunder Review no Madison Square Garden, um show especial para arrecadar fundos para o boxeador negro Hurricane Carter, condenado num processo ao que tudo indica de motivação racista.

- A novidade desta excursão é a banda formada por Billy Cross (guitarra), Ian Wallace (bateria), Alan Pasqua (teclado), Bobby Hall (percussão), Steve Douglas (flautas), Steven Soles (guitarra ritmo), Jerry Scheff (baixo) e David Mansfield (bandolim, violino). Dylan terá ainda o backing vocals de Jo Ann Harris, Helena Springs e Caroly Dennis. Este grupo só é conhecido pelo público do Japão e Austrália, por onde andou no início do ano. Como se sabe, o rumoso processo de separação de Dylan de sua ex-musa Sarah está lhe custando barras de ouro. E há que excursionar atrás delas.

- Multiplicam-se no Brasil os festivais de inverno. Aproveitam as férias estudiantis e congregam diversas modalidades artísticas. O mais velho desses eventos, sem dúvida consolidado, é o de Ouro Preto, em seu 12.º ano. Desta vez será realizado entre os dias 20 de julho e 2 de agosto, com um curso de composição, execução e atualização para regentes e professores. O 5.º Festival de Inverno de Petrópolis começa mais cedo: hoje, às oito e meia da noite, com um concerto de coral e orquestra de câmara da Rádio MEC. Há outros recitais, concertos, concursos de piano e corais e ainda cursos para instrumentistas de corda e regência.

- Em Salvador, um dos principais eventos do festival de inverno local é o 2.º Concurso Nacional de Dança. E há ainda festivais programados à mesma época para Campina Grande (PB) e Itajaí (SC), sem contar o de Recife, que vai de 15 a 30 de julho.